

## A LITERATURA COMO COAUTORA NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DE SUBJETIVIDADE: UMA INTERSEÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E LITERATURA NA OBRA *TERCEIRA SEDE* DE FABRÍCIO CARPINEJAR<sup>1</sup>

Karoline Fernandes Teixeira  
Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira

### Resumo:

Por meio de estudo interdisciplinar entre literatura e psicanálise, este artigo pretende analisar a possibilidade da literatura como coautora no processo de constituição de subjetividade. Partindo de *Terceira sede*, obra de Fabrício Carpinejar (2001), o presente trabalho tem como foco analítico-conceitual o termo *fratria*, proposto por Maria Rita Kehl e o tema do *duplo* visto pelo viés da teoria psicanalítica. O duplo verificável a partir do desdobramento do “eu- lírico”. Fratria a partir dos laços de identificação do leitor. Desta forma, o *outro*, no caso de *Terceira sede*, aquele que vive em 2045, é quem servirá de substância para que o eu, o que vive em 2001, tome conhecimento de si, e, assim, possa constituir sua subjetividade. É importante observar que não se chega a esse *outro*, e sim a *si mesmo*, porque o *outro* é o *eu*, assim como o *eu* é o *outro*, diferentes e ao mesmo tempo iguais: “A vida relatada não sendo minha, é mais minha sendo do outro” (CARPINEJAR, 2001, p. 9). Por isso, não se pode matar o outro, porque ao matar o outro, mata-se a si próprio. O eu-lírico, através de projeções imaginárias, vai em busca de (re)construir peças que faltam para que se constitua como sujeito. Desta forma, precisa apropriar-se de um *outro* que está no seu passado, esse ser estranho e familiar, nos termos de Freud. A duplicação, segundo Freud (1919), é uma forma de se defender contra a extinção do *eu* e fugir do medo da morte. O “*duplo* converteu-se num objeto de terror, tal como, após o colapso da religião, os deuses se transformaram em demônios” (1919, p. 285). Objetivar, portanto, a partir dessas duas noções, verificar o processo da constituição da subjetividade do sujeito, tomando como corpus analítico a obra de Terceira Sede.

**Palavras-chave:** *Duplo – estranho – fratria – teoria psicanalítica – Terceira sede*

### Abstract

Through an interdisciplinary study between literature and psychoanalysis, this article aims to analyze the possibility of literature as a co - author in the process of subjectivity. Starting from the third headquarters, by Fabrício Carpinejar (2001), the present work has as analytical-conceptual focus the term *fratria*, proposed by Maria Rita Kehl and the theme of the double seen by the bias of the psychoanalytic theory. The double verifiable from the unfolding of the "electronic". Fratria from the ties of identification of the reader. In this way, the other, in the case of the third seat, the one who lives in 2045, is the one who will serve as substance for the self, which lives in 2001, to take notice of itself, and thus be able to constitute its subjectivity. It is important to note that one does not come to this other, but to himself, because the other is the self, as the self is the other, different and at the same time: "The life reported is not mine, it is more mine being of the other "(CARPINEJAR, 2001, p.9). Therefore, one can not kill the other, because in killing the other, he kills himself. The lyrical self, through imaginary projections, goes in search of (re) constructing pieces that are missing so that it becomes a subject. In this way, he must take ownership of another that is in his past, this strange and familiar being, in Freud's terms. Duplication, according to Freud (1919), is a way of defending against the extinction of self and escaping the fear of death. The "double became an object of terror, just as, after the collapse of religion, the gods became demons" (1919, 285). Objective, therefore, from these two notions, to verify the process of the constitution of subjectivity of the subject, taking as an analytical corpus the work of Third Headquarters

**Key words:** Double - strange - fratria - psychoanalytic theory - Third seat

---

<sup>1</sup> O artigo é decorrente de reflexões realizadas durante minha formação acadêmica no curso de Letras pela UEA no ano de 2011 e trajetória acadêmica como finalista no curso de Psicologia pela UFAM. Partindo destas reflexões, pretende-se fazer Psicanálise em extensão, e assinalar as possibilidades de uma interseção entre literatura e psicanálise como possibilidade de produção de subjetividade.

## Considerações iniciais

Valendo-se da interseção entre literatura e psicanálise, este artigo, pretende analisar a literatura como possibilidade de o sujeito constituir subjetividade. Para tal análise nos apropriaremos do termo *fratria* utilizado por Maria Rita Kehl (2009), pois segundo a autora, o texto ficcional promove redes de interlocuções que dão voz ao sujeito em seu momento de “desajuste”, desamparo e incompreensão. Além de servir como suporte de identificações secundárias entre o leitor e o texto ficcional.

Essas interlocuções, propiciadas pela literatura, produzem uma rede de identificações horizontais, isto é, um eixo de relações “fraternas”<sup>4</sup> que proporcionam uma troca de experiências, de cumplicidade diante do desamparo do sujeito (KEHL, 2009, p. 2-3).

Desta forma, centraremos a nossa atenção na cena enunciativa da escrita literária a partir da noção *fratria*. Verificar de que modo o sujeito-leitor suscita, por meio da sua subjetividade, mesma a representada na literatura, laços de identificação com o texto ficcional. Com isso, pretendemos destacar o importante papel desempenhado pela narrativa ficcional como resposta ao sujeito de fazer-se ouvir a partir de uma diferença que precisa do outro para se autorizar em sua singularidade.

Compreendemos, assim, o texto ficcional como organizador da experiência subjetiva, na medida em que é produtor e revelador de sentidos, proporcionando às vezes consolo, às vezes confirmação de seu desamparo. Nesse sentido, analisaremos a obra *Terceira Sede* de Fabrício Carpinejar como suporte para essas reflexões.

*Terceira Sede* (2001) é composta por 10 elegias<sup>5</sup>. Desta forma, ele evoca um sujeito de 72 anos que está no ano de 2045. Por meio deste outro, o autor irá questionar sua condição de vida e sua história, tudo isso propiciado pelos olhos de seu personagem vetusto. O enredo transcende o espaço físico e alcança a atemporalidade quando o autor coloca-se à frente do tempo atual e propõe que futuro, presente e passado se entrelacem e se encontrem no final.

Além de analisar o papel da narrativa ficcional como coautora no processo de constituição da subjetividade, temos por objetivo estudar a questão do *duplo* na obra *Terceira Sede*, segundo teorias psicanalíticas, principalmente a partir de conceitos trabalhados por

---

<sup>4</sup> Conforme Cavalheiro (2009), o termo fraterno, empregado por Kehl, não remete ao mesmo termo utilizado pelo cristianismo (relação amistosa e amorosa), mas sim a um espaço de trocas de experiências horizontais, de juízos éticos, sociais, culturais; mais ainda, essa nova experiência, propiciada pela literatura, nos remete a construir um novo universo oposto a esse que vivemos, de modo que rompemos com os estados de letargia e alienação frente às contingências da vida.

<sup>5</sup> É uma forma de composição poética em geral de cunho melancólico e reflexivos, associado a morte de um ente querido, muitas vezes é composta como música para o funeral, ou um lamento de morte.

Freud. Ao analisar esse *outro*, nos valeremos do *duplo* proposto por Freud em sua obra *O estranho* (1919). O *duplo* nos remete à ideia de um *outro*, algo que está duplicado, e esse *outro*, estranho ou não, é quem poderá proporcionar ao *eu* o reconhecimento de si. Nesse sentido, Freud (1914) relata, no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, que o narcisismo seria a captação amorosa do indivíduo por uma imagem que este adquire de si e provoca para *si mesmo*, segundo o *outro*. O encontro com a imagem de um *outro*, que é o mesmo e não é, seria, para Freud, o primeiro momento para a formação do *ego* ou *eu*.

Para Freud, o narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em *si mesma*; já no narcisismo secundário, o indivíduo aparece deslocado em direção ao *outro*, um novo *ego* idealizado. O que esse sujeito projeta diante de si, como sendo seu ideal, nada mais é do que o substituto do narcisismo perdido na infância que teria sido seu próprio ideal. Desta forma a constituição de um *eu ideal* estaria estritamente ligada à presença de um *outro*, isto é, “o estranho”<sup>6</sup>.

Conforme Freud (1914), a psicanálise considera o narcisismo como um elemento estrutural do psiquismo, indispensável para a constituição do *eu* no reconhecimento de sua diferença em relação aos objetos externos a si, ou seja, “estranhos”. Desta forma, compreendemos que essa imagem, vista na infância, e esse *eu ideal* que aparece a partir do narcisismo secundário, será um *duplo*, e que o *duplo* será “o estranho”.

Neste processo, o reconhecimento de uma imagem pelo *eu*, que será o *eu* duplicado, mas com o qual o *eu* se identifica e, assim, se reconhece, forma o que Freud na obra *O estranho* (1919) chama de *duplo*. Esse “estranho” diz respeito ao narcisismo, tema que nos remete à questão do *duplo*, que Freud trabalhou através do sentimento de estranhamento. A experiência de estranhamento, segundo Freud, provém de processos reprimidos. No reconhecimento do “estranho” há uma reapropriação do passado pelo presente, de modo que este passado retorne sob o viés de surpresa e temor.

Segundo Freud (1919), o fenômeno do *duplo* surge em todas as formas e em todos os graus de desenvolvimento. O *duplo* aparece com relação à percepção, ao conhecimento, aos sentimentos e às experiências em comum entre dois sujeitos ou entre duas possibilidades de subjetivação, ou seja, nos laços de identificação, positiva ou negativa, que um sujeito estabelece com um *outro*, de forma a se colocar em dúvida a respeito de quem é quem.

---

<sup>6</sup> A palavra “estranho” em Freud é usada para identificar tanto aquilo que é familiar/intimo quanto seu oposto – o secreto, o estranho, o assustador, elementos que apontam para os aspectos paradoxais presentes na significação do *eu*. (FREUD, 1919, p. 277).

O *duplo* em *Terceira Sede* manifesta-se de diversas formas, dentre às quais o jogo de palavras – evidenciado desde o título –, a temporalidade e a relação entre o autor e o eu-lírico. O vocábulo *sede*, do título, pode ser compreendido tanto como falta de alimento líquido, quanto como a terceira etapa de um estágio progressivo de locações ou, analogicamente, etapas da vida, pois é de se notar que o estatuto de *velhice* passou por uma primeira reformulação para *terceira idade* (quando da escrita do livro) e, em “progressão politicamente correta”, para *melhor idade*, a partir de quando o *trocadilho* passa a desaparecer, muito embora *velhice* continue a ser *velhice*, tanto para quem a vê, como possibilidade futura, quanto para quem a vive, como realidade presente ou imediata.

Em relação ao autor – aquele que escreve – e ao eu-lírico – aquele a quem se atribui a voz da escrita –, pode-se dizer que o *duplo* corresponda à duplicidade temporal, pois *um* está em 2001 e o *outro* é projetado pelo primeiro para 2045. De certa forma, a obra se propõe a alcançar a atemporalidade. O *duplo* se sustenta, neste caso, pois o eu-lírico de 2045 não existiria sem o *outro*, no caso o autor Fabrício Carpinejar de 2001.

Pretendemos, portanto, pautados em teorias psicanalíticas, compreender de que forma o *duplo* se configura na subjetividade do eu-lírico de *Terceira sede* e de que maneira o texto ficcional pode possibilitar constituição de subjetividade.

## 1. O conceito “Fratría”<sup>7</sup> em Kehl: laços de identificações

Para entender de que forma o termo *fratria* foi constituído por Kehl, faz-se necessário analisar, em termos históricos, a influência do texto ficcional-literário na constituição do sujeito moderno. Em sua obra *Deslocamentos do feminino* (2008), Kehl nos relata que a ascensão da literatura estaria relacionada com a crise das tradições, principalmente as religiosas, pois, a partir do momento em que sujeito se vê desamparo, este passa a vivenciar a experiência do desamparo, o que de certa forma, faz com que a literatura ganhe força para amparar esse sujeito que perdeu as suas certezas constituídas pelas formações simbólicas das sociedades tradicionais.

Dentro deste contexto, surgiu a necessidade de se pensar numa literatura que conseguisse englobar esse sujeito desajustado. Além disso, era necessário se pensar numa literatura que valorizasse a experiência individual, a originalidade subjetiva e a vida particular, nestes moldes surge o Romantismo com seus princípios de interiorização.

---

<sup>7</sup> O termo *fratria* é compreendido por Kehl (2009) como uma rede de identificações que estabelecemos com o outro, no caso do texto ficcional, com a personagem e/ou com o narrador.

Os romances do período do Romantismo, por exemplo, proporcionam uma nova maneira de pensar, ao retratar personagens comuns, de teor psicológico e vivência singular, e, desse modo, possibilitam uma aproximação do leitor com o texto. Essa aproximação faz com que o leitor se identifique com as personagens de ficção e passe a compreendê-las como se fossem pessoas comuns, pois as situações vividas pelas personagens passam a estar cada vez mais próximas daquelas vivenciadas pelo leitor.

Contudo, foi o romance realista que, conforme Kehl (2008), possibilitou uma função determinante na constituição dos sujeitos, principalmente na constituição da subjetividade feminina, pois algumas mulheres espelhadas em suas heroínas, como *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, passaram a ter uma nova visão de mundo.

A estrutura do romance realista, segundo Kehl (2008), permite ao leitor duas modalidades de identificação: uma diz respeito ao ponto de vista do narrador, a outra do ponto de vista das personagens. A primeira geralmente é representada pela voz onisciente do narrador, capaz de nos explicar os sentimentos mais íntimos da personagem; a segunda, geralmente acontece devido às semelhanças existentes entre leitor e personagem.

O anseio em criar laços e comunicar-se parece ser, na contemporaneidade, um fator importante que o homem encontrou para “resolver” seus problemas e, sobretudo, para retirá-lo de seu estado de desamparo. Esses laços oferecem algum tipo de verdade que vem suprir o desamparo do sujeito, além de proporcionar-lhe uma infinidade de prazeres da troca, que só pode ocorrer entre “estranhos”, mas ao mesmo tempo semelhantes.

A fratria vai sendo constituída a partir do momento em que o leitor observa as relações de alteridade dentro do espaço enunciativo. É de se notar que, do mesmo modo que o eu-lírico necessita de um *outro* para reconhecer-se, o leitor também. Ao se deparar com um ser *estranho* e semelhante, o leitor produz novas práticas de linguagem, de modo a abrir espaço para novas formas de sociabilidade e novas necessidades expressivas.

A relação de alteridade é imprescindível para a relação de fratria, pois, quando o eu encontra o outro no texto ficcional, laços de identificação são estabelecidos, proporcionando uma troca de experiência e de cumplicidade. O outro, aos olhos do eu, é fonte de saber, é no outro que o eu busca a descoberta do seu próprio ser. Conforme Mikhail Bakhtin (2003), a existência de si somente é possível através do excedente que advém da visão que o outro tem de nós:

Na vida avaliamos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, através do outro procuramos compreender e levar em conta os momentos transgredientes à nossa própria consciência: desse modo, levamos em conta o valor de nossa imagem externa do ponto de vista da possível impressão que ela venha a causar no outro (BAKHTIN, 2003, p. 13).

Lacan, em seus primeiros estudos, representou o sujeito como um significante que representa para o outro significante: o eu é produzido a partir da imagem do *outro*, no que ele nomeia como o “estádio do espelho” (Lacan, 1966). Assim sendo, a experiência de fragmentação do corpo, proporcionada pelas pulsões é paulatinamente superada pela cristalização de uma imagem unificante, que, conforme passa a ser consolidada, vai ganhando referência e trazendo uma vivência de júbilo diante do reconhecimento da própria imagem e esta que sucede ao reconhecimento recebido pelo *outro*. Desta forma, há um recobrimento imaginário do real, e a cada momento que a experiência especular com o semelhante se repete, o eu consolida-se.

As identificações que suscitam dos relatos ficcionais são os materiais que proporcionam a relação fraterna. Para estabelecermos a relação fraterna com o outro, é necessário que o relato ficcional seja condizente com a singularidade do leitor. Isso ocorre porque o leitor começa a desenvolver relações com o texto de forma que este se torna mais próximo do diferente, que, de certa forma, é como se fosse o mesmo. Mas, para que ocorra a *fratria*, a dimensão ética e singularizante presente na experiência da leitura deverão ser condizentes com os desejos do leitor. Porém, esta identificação também pode ser estabelecida pelo viés de identificação negativo e transgressor, pois o sujeito pode por meio destes laços de identificação de repulsa canalizar a sua agressividade.

É interessante observar que, do mesmo modo que a personagem necessita do outro para tomar conhecimento de si mesma, o eu-leitor também precisa da personagem para saber de si. Ao se deparar com o seu semelhante/diferente (personagem), produz novas práticas de linguagens, de modo a abrir espaço para novas formas de sociabilidade e novas necessidades expressivas. As relações fraternas estabelecidas entre leitor e texto ficcional não só contribuem para a constituição de uma nova subjetividade, mas também anunciam novos modos sociais, oferecendo ao sujeito-leitor uma nova maneira de vivenciar o mundo. Conforme Freitas: “todo personagem de um texto é sempre um representante de uma forma de ser na cultura” (2001, p.19).

Segundo Freud (1905-06), o autor possibilita a identificação da personagem com o leitor ou espectador. Isso se deve principalmente porque o leitor e/ou espectador pouco vivencia, mas “sente[-se] como um pobre coitado [a quem] nada acontece; faz tempo que amorteceu seu orgulho” e, desta forma, anseia por ser um herói para “sentir, agir e criar tudo a seu bel-prazer” (1905-06, p. 289). Desta forma, além de proporcionar a identificação do personagem com o leitor, o autor preserva o leitor das dores, sofrimentos e tribulações que

enfrentaria para alcançar o heroísmo, caso o fator heroico faça parte de seus anseios ou desejos.

## 2. *Fratia em Terceira Sede*

Pautados na noção de fratria verificaremos de que modo o sujeito-leitor suscita, por meio da sua subjetividade, mesmo a representada pela literatura, laços de identificação com o texto ficcional, especificamente com o personagem, o narrador, o eu-lírico e o autor da obra *Terceira Sede*.

Conforme Kehl (2008), o leitor não irá se identificar com qualquer situação relatada no texto. É necessário que se caracterize por relatar histórias de pessoas “comuns”, desamparadas, na busca de sentido para sua vida. O relato ficcional deve promover um espaço em que o sujeito faz-se ouvir a partir de uma diferença – a vivência do outro –, encontrando, assim, não uma resposta para suas aflições, mas sim um “amparo”. Essa aproximação faz com que o leitor se identifique com as personagens de ficção e passe a compreendê-las como se fossem pessoas comuns, pois as situações vivenciadas pelos personagens passam a estar cada vez mais próximas daquelas vividas pelo leitor.

Os laços de identificações estabelecidos entre leitor e texto em *Terceira Sede* dar-se-ão principalmente pelo sentimento de empatia (positivo) e repulsa (negativo). Empatia porque o leitor vê no eu-lírico alguém com quem pode identificar-se: alguém que ama a esposa a ponto de fazer uma obra para declarar esse amor. Por outro lado, o leitor possui a percepção de que o autor, como eu-lírico, pode ser o assassino de sua própria esposa, para viver com esta nem que seja na morte. Afinal, se não estivesse a esposa ficcionalmente morta, não haveria *Terceira Sede*.

## 2.1. Laços de identificações positivos (empatia)

Cada sujeito, entendido como tal, estará, em linhas gerais, buscando um sentido para a sua vida, e isso só é possível através das relações estabelecidas com o(s) outro(s). Nota-se que, com o eu-lírico de *Terceira sede*, isso não é diferente: “Atravessei o século e ainda não me percorri” (CARPINEJAR, 2001, p.13). O eu-lírico vivenciou várias situações, mas não se encontrou. Desta forma, continua a sua busca por algo que venha preencher essa lacuna, ou seja, ele mesmo. Ao reviver o passado, tenta encontrar no *outro* aquilo que já foi um dia: “Parto em expedição às provas de que vivi. / e escavo boletins, cartas e álbuns / - o retrocesso

da minha letra ao garrancho” (CARPINEJAR, 2001, p.19). Assim, o eu-lírico busca no *outro*

uma forma de se constituir como sujeito.

Por outro lado, o leitor também busca o encontro de si no outro. Os primeiros laços de identificações estabelecidos entre leitor e eu-lírico dão-se através do sentimento de desamparo. O leitor, ao observar o eu-lírico no espaço enunciativo, pode solidarizar-se através de sua trama: um homem velho, viúvo, perdido nas lembranças da amada, pois “o porão tem vida própria e respira / o que jogamos fora. / o que refugamos na ceia volta a nos mastigar” (CARPINEJAR, 2001, p. 21).

Nada parece ter mais sentido depois da morte da esposa, tudo se resume à dor e à esperança de um dia vê-la novamente, mas isso não acontece (no livro). Então só lhe resta (re)construir as lembranças e os passos da amada, entre o erótico e o mórbido: “Refaço teu roteiro preferido, as ladeiras / as esquinas se dobram como pétalas apressadas / murchando os passos. / Olho os dois lados e atravesso o teu rosto” (CARPINEJAR, 2001, p. 33). É a única forma de mantê-la viva, ou seja, reviver esse amor.

O eu-lírico suscita, no leitor, laços de ressentimento: identificado com o ponto de vista da personagem ressentido mantém-se preso à trama até a espera do desenlace. Segundo Maurano (2003), somos facilmente atraídos pela posição de abandono. É nesse ponto

que Carpinejar prende o leitor, através do forte apelo dramático: “Guardo a fome, o prato velado, viúvo no linho da mesa. / Disfarço o pranto. Levanto a voz que logo desmaia” (CARPINEJAR, 2001, p. 31). É esse sentimento de abandono que proporciona ao leitor, a cada lembrança do eu-lírico, solidarizar-se e desta forma estabelecer laços de identificações.

O leitor pode sentir-se impactado positivamente por tamanho amor que o eu-lírico demonstra ter pela esposa, como se pode ler no seguinte dístico: “Morreria tantas vezes desde que fosse possível / economizar a tua morte” (CARPINEJAR, 2001, p. 44). No entanto, é necessário analisar este sentimento com cautela, pois “os segredos não são contados” (CARPINEJAR, 2001, p. 72).

Desta forma, podemos observar de que maneira o sujeito estabelece laços positivos com o texto ficcional, no caso de *Terceira Sede*, o primeiro laço é suscitado por meio do sentimento de desamparo sofrido pelo eu-lírico.

No entanto, como podemos observar, os laços de identificação suscitados do texto ficcional não são estabelecidos apenas de forma positiva, mas também de forma negativa, por meio da repulsa. Pode-se dizer que por meio deste laço de identificação negativo o sujeito se apropria do mesmo para canalizar sua agressividade.

## **2.2. Laços de identificações negativos (repulsa)**

A repulsa que o leitor pode sentir em relação ao que é relatado pelo eu-lírico decorre muito de seus processos inconscientes. O objeto transferido pelo texto ficcional reaviva a natureza inconsciente daquele que tenta manter-se distante. Há certas situações em que, durante o ato de leitura, o leitor não consegue manter-se distante, neutro.

No decorrer da análise o eu-lírico vai revelando características de uma personalidade repulsiva e doentia: “sou capaz de aniquilar um amor para ver o que repousa em seu fundo. ” (CARPINEJAR, 2001, p. 37). Quem seria capaz de matar, destruir um amor só pelo mero prazer de descobrir o que nele se esconde? Muito mais suspeito está o eu-

lírico do sujeito de um homicídio, quando este afirma que “experimento[u] a agressividade nos pequenos gestos” (ibid., p. 37). Então, a primeira imagem de marido apaixonado vai desaparecendo e dando lugar a um eu-lírico que tenta conviver com o sentimento de culpa e com as lembranças da mulher morta.

Outra forma de identificação, exemplificada por Freud (1921), corresponde à identificação baseada na possibilidade ou no desejo de colocar-se na mesma situação que o outro. O eu-lírico pode ser quem ele desejar, até mesmo um homicida: “Cometi impulsos e vacilos, impurezas / e fantasias de homicida. Quem não as teve? / Que atire a pedra e será tijolo em meu muro” (CARPINEJAR, 2001, p. 59). No entanto, ao invés de identificar-se, o leitor pode estabelecer um sentimento de repulsa para com o eu-lírico. Tal repulsa, pode ser na verdade um mecanismo de defesa, tal como a projeção, que, conforme Freud (1915), o sujeito projeta seus próprios pensamentos, motivações, desejos e sentimento indesejáveis em uma ou mais pessoas. De certa forma, é desta forma que o leitor age ao repulsar o eu-lírico.

Sentimentos contrários, suscitados no leitor, mesclam-se durante a leitura: há poucos instantes era um homem apaixonado pela mulher morta, agora pode ser o responsável da sua morte. O que teria levado o eu-lírico a cometer tal ato? O ciúme: “Tentei dissimular meus defeitos, / a gana de cuspir reprimida, o ciúme insano / de afastar a concorrência e prender tua atenção” (CARPINEJAR, 2001, p. 60). Talvez.

Assim, o sujeito vai estabelecendo laços de identificações com o texto ficcional até mesmo por meio da repulsa, ou laços negativos como observado, podendo até em determinados apropriar-se de mecanismos de defesa como a projeção, em que o sujeito não aceitando seus próprios pensamentos repulsivos, projeta no eu-lírico aquilo que é indesejado em si. No entanto, essa identificação só pode ser suscitada por meio do outro, ou duplo, conforme analisaremos a seguir.

### 3. O conceito de *duplo* em Freud: “O estranho”

Os primeiros estudos sobre *o estranho* relacionam-no com algo que não é doméstico, caseiro, próximo, que não é simples, mas sim como algo estrangeiro, por desventura, assustador, que pode provocar medo e horror. Todavia, em Freud, “o estranho” se

configura como “aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (1919, p. 277). Para defender sua ideia de o estranho ser algo familiar, fruto de um retorno de algo reprimido, Freud busca na linguística os vários significados da palavra alemã “*Unheimliche*” (“O estranho”).

Saindo do contexto linguístico, Freud busca responder à questão do *estranho* através do conceito do *duplo*: o fenômeno do *duplo* representa “personagens que devem ser considerados idênticos porque parecem semelhantes iguais” (1919, p. 293). No entanto, para compreendermos a relação do *duplo* com o *estranho* é necessário compreendermos como funciona a relação do duplo em Freud:

Essa relação é acentuada por processos mentais que saltam de um para outro desses personagens, de modo que um possui conhecimento, sentimentos e experiências em comum com o outro. Ou é marcada pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida de seu próprio eu (*self*), ou substitui o seu próprio eu (*self*) por um estranho (1919, p. 293).

Conforme Freud (1919), no fenômeno do *duplo* ocorre divisão e um intercâmbio do *eu* consigo mesmo. Afirma que o tema do *duplo* foi abordado de forma muito mais completa por Otto Rank (1914). Evidencia as ligações que o *duplo* tem, como reflexos em espelhos, sombras, espíritos guardiões, a crença da alma ou o medo da morte. Para Rank, na sua origem, o *duplo* era uma segurança contra a aniquilação da vida, uma espécie de energia que negava o poder da morte. Essa duplicação, para Freud (1919), é uma forma de se defender contra a extinção do ser e fugir do medo da morte. No entanto, quando superada a etapa de duplicação, depois de ter “garantida” a imortalidade, o *duplo* se inverte e transforma-se num estranho anunciador da morte.

O *duplo* não desaparece ao passar pelo narcisismo primário, conforme Freud (1919), pode receber um *outro* significado para os momentos posteriores do desenvolvimento do sujeito. Após a superação do narcisismo primário, o *duplo* pode surgir com a função de observar e criticar (no sentido de pôr em crise) o *eu* e, de certa forma, exercer uma censura dentro da mente.

Pensar no fato de que existe uma instância que nos faz olhar para dentro de nós remete à ideia de “torna[r] possível investir na velha idéia do ‘duplo’ de um novo significado e atribui-lhe uma série de coisas – sobretudo aquelas coisas que, para a autocrítica, parecem pertencer ao antigo narcisismo superado dos primeiros anos” (1919, p. 294). A qualidade de estranheza em Freud só pode advir do fato de o *duplo* ser a criação que remonta a um estado mental muito primitivo e superado.

Freud (1919) sustenta a ideia de que o *estranho*, no fundo, é algo conhecido, que pertence a um impulso emocional reprimido. Assim, ao passar por alguma situação que amedronta e causa ansiedade, este “algo reprimido” retorna. A categoria de coisas assustadoras seria o *estranho*, pois de acordo com Freud “esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de repressão” (1919, p. 301). Tal processo de repressão, conforme Freud (1915), é um mecanismo de defesa que impede os pensamentos de cunho doloroso cheguem à consciência, desta forma, afasta a lembrança de determinados fatos, mesmo que estes permaneçam armazenados no inconsciente.

Esse *estranho* pode ser entendido como algo que deveria ter permanecido oculto, mas veio à luz. Entretanto, Freud faz uma ressalva ao afirmar que nem tudo que evoca desejos reprimidos pode ser considerado como *estranho*.

Nem sempre o *duplo* é reconhecido como assustador, às vezes, como afirma Freud (1919), apenas deixamos de reconhecê-lo. Essa assertiva advém do exemplo que o próprio Freud vivenciou quando não reconhece a sua própria imagem no espelho: “compreendi imediatamente, para meu espanto, que o intruso não era senão o meu próprio reflexo no espelho da porta aberta” (1919, p. 309).

Todavia, o *estranho* presente na literatura, segundo Freud, merece uma exposição em separado. Isso se deve principalmente por este apresentar um terreno mais fértil do que o *estranho* vivenciado, pois contém a totalidade que o *estranho* vivencial não possui. Nesse caso, o escritor tem liberdade em escolher o seu mundo de representações, de modo que coincida com as realidades que nos são familiares, ou então nos afaste delas quando quiser e nos leve para um lugar outro onde possamos vivenciar no Imaginário

aquilo que nunca vivenciaremos no Real, muito embora o Simbólico, produzido pelo Imaginário a partir da percepção do Real, seja, para o receptor, Real.

Além do mundo dos contos de fada, o escritor pode nos proporcionar um mundo em que admitimos seres espirituais superiores, como é o caso dos espíritos demoníacos ou fantasmas dos mortos. Freud afirma que, na medida em que esses seres permanecem no cenário poético, essas figuras perdem a sua natureza estranha. Assim, conforme Freud, “adaptamos nosso julgamento à realidade imaginária que nos é imposta pelo escritor, e consideramos as almas, os espíritos e os fantasmas como se a existência deles tivesse a mesma validade que a nossa própria existência tem na realidade material” (1919, p. 311).

Desta forma, podemos inserir que Freud nos fornece uma ideia de que o eu, para lidar com os conflitos, acaba encontrando no outro um refúgio para a sua própria sobrevivência. Assim, o eu, pode-se dizer, se sustenta e se mantém, através deste processo de identificação que podemos chamar de *duplo*.

#### **4. O duplo em *Terceira sede***

*Terceira sede* (2001), de Fabrício Carpinejar, é uma obra composta por 10 elegias. Apresenta um “enredo” que transcende ao espaço físico e alcança a atemporalidade, ou seja, coloca-se à frente de seu tempo numa relação em que futuro, presente e passado se entrelaçam e se encontram no final com o atar das duas pontas da vida: “O menor acontecimento está ligado ao maior, como um bordado. E, esticando um fio, desfiliaremos o conjunto”. (CARPINEJAR, 2001, p. 9).

O que dizer de um eu-lírico que narra o não vivido e/ou irreal? “Aqui nada é real. Mas o que é real? (...) / O livro é de 2045, escrito aos 72 anos. / Como posso ter morrido antes, decidi antecipar a velhice”. (CARPINEJAR, 2001, p. 9). De certa forma, o livro é escrito através de uma velhice imaginária, no entanto por um poeta muito jovem. O futuro é uma espécie de observatório, onde o poeta analisa meticulosamente com lentes de aumento o seu passado que para o leitor é o presente.

Para entender a questão do *duplo*, além dos postulados de Freud, valemo-nos também da teoria psicanalítica de Lacan sobre o *estádio do espelho*, compreendido “como uma identificação, [...] ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (1949, p. 97). Conforme Lacan (1949), essa é a fase de constituição do sujeito que ocorre por volta dos seis e aos dezoitos primeiros meses, fase em que o sujeito se encontra num estado de impotência e descoordenação motora e, portanto, antecipa de forma imaginária sua unidade corporal. Esta unificação imaginária ocorre porque a criança identifica-se com a imagem do semelhante como forma total, exatamente a unidade que lhe falta.

Para que a relação de duplicidade ocorra, conforme Freud (1919), é necessário que processos mentais saltem de um personagem para o outro, no caso de *Terceira sede*, do *eu* que vive em 2001 e do *outro* que está em 2045, ou vice-versa, do *outro* que está em 2001 e do *eu* de 2045, de modo que *um* possua conhecimentos, sentimentos e experiências em comum com o *outro*. Ao projetar-se no futuro, o *eu* transmite ao *outro* suas sensações, sentimentos e experiências.

Na primeira elegia encontramos um homem já velho, que muito viveu, mas que ainda não se conheceu e que na velhice procura entender o próprio sentido da vida. O que se observa é um eu-lírico que está em busca de si: “Atravessei o século e ainda não me percorri” (CARPINEJAR, 2001, p. 13). Isto é, tenta encontrar um sentido para sua vida ao percorrer seu passado e encontrar o seu *duplo*, o Fabrício Carpinejar que está em 2001, num jogo de buscas e incertezas. Desta forma, o eu busca respostas nesse *outro* para tentar configurar a sua subjetividade.

Na segunda elegia o eu-lírico nos anuncia que “Ser inteiro custa caro” (CARPINEJAR, 2001, p.19). Quanto vale a unidade do sujeito? Para o eu-lírico um alto preço. No percurso dessa elegia observamos o eu-lírico realizando uma longa prestação de contas com a vida, neste caso, uma vida não vivida. Em toda elegia segue-se um acerto de contas dolente com cenas marcantes e fortes. Assim parte o eu-lírico em busca do desconhecido, o *estranho*: “Part[e] em expedição às provas de que viv[eu]. E escav[a] boletins, cartas e álbuns” (CARPINEJAR, 2001, p.19).

É nesse contexto que entra em cena o *duplo*, que servirá de substância para que o eu-lírico tome conhecimento de si. No estranhamento, proposto por Freud (1919), há uma

reapropriação do passado em função do presente que de alguma forma faz com que este passado retorne com um viés de surpresa e temor. Da mesma forma, em *Terceira sede*, a projeção futura é o que dará substância ao *eu* presente, com sua vida e suas memórias.

A temática da morte sobressai-se na quinta elegia. O eu-lírico “sopra nas cinzas” (CARPINEJAR, 2001, p.37) para reavivar a natureza morta. Com a morte da esposa o eu- lírico vê-se em *estado de desamparo*, revelando-se, assim, impotente para realizar uma ação específica adequada para pôr fim à tensão interna. Essa perda e separação acarretam um aumento progressivo da tensão, ao ponto de o indivíduo ser incapaz de dominar as excitações submergidas pelas lembranças: “Falta-me talento para esquecer” (CARPINEJAR, 2001, p. 32). Já que não consegue se libertar de seu fantasma, resta-lhe andar “o dia inteiro a perseguir os traços” (CARPINEJAR, 2001, p. 33) da amada.

Não se sabe se a amada morreu ou foi morta (quem sabe até pelo próprio eu-lírico), não se sabe se este eu-lírico é extremante apaixonado por essa mulher ou se tal devoção não passa de um sentimento de culpa por tê-la matado. Conforme Laplace (1967), este sentimento pode ser designado como um estado afetivo consecutivo em relação a um ato que o indivíduo considera repreensível (remorso do criminoso ou auto-recriminação aparentemente absurdas) (1967, p. 614-615).

Segundo Rank (1914) *apud* Freud (1919), ao refletir sobre o que levaria à constituição de um *duplo*, indica a questão da não-responsabilização do sujeito por suas próprias ações, projetando-as sobre um *duplo*, e também o papel do sentimento de culpa. Deste modo, o sujeito atribui a um *outro*, ao *duplo*, a responsabilidade por atos que seriam “censuráveis”. Nesse sentido, podemos inferir, hipoteticamente, que o eu-lírico finge um amor devocional para mascarar a culpa de ter matado sua esposa. Como bem afirma o eu- lírico: “Sou capaz de aniquilar um amor / para ver o que repousa em seu fundo” (CARPINEJAR, 2001, p. 37), assim é possível que tenha matado a amada para então viver com esta nem que seja na morte. Revela ainda: “Cometi impulsos e vacilos, impurezas / e fantasias de homicida. Quem não as teve? / Que atire a pedra e será tijolo em meu muro” (CARPINEJAR, 2001, p. 59).

Conforme avançam as *cenas enunciativas*, o *outro*, *duplo*, vai ganhando força e, de certa forma, até ocupando o lugar do *eu*, como podemos verificar nesse trecho da obra:

“Meu duplo ocupou o lugar, / um ente vocacionado a errar, / que bebia além do vício, amava com os punhos fechados. / Meu duplo ocupou o lugar e era eu, aceitemos era eu.” (CARPINEJAR, 2001, p. 59). Assim, ao projeta-se no futuro, o *eu* que está em 2001 encontra a substância (*duplo*) que precisa para tomar conhecimento de si, e, assim constituir sua subjetividade.

Assim sendo, propôs-se a analisar de que forma o termo *duplo* vai se estabelecendo dentro do espaço enunciativo. Conforme observado, tal relação é estabelecida entre eu-lírico e autor. Sendo que o autor, aquele que escreve está em 2001 e seu eu-lírico, aquele a quem se atribui a voz da escrita, está em 2045, desta forma, o *duplo* é estabelecido por meio de uma duplicidade temporal. Assim um vai sustentando o outro, pois não há como um existir sem este *outro* que de certa forma contribui no seu processo de constituição.

### **Considerações finais**

Pensar a literatura como coautora da constituição da subjetividade nos remete a analisar o papel desempenhado pelas narrativas ficcionais para efetivação do processo de alteridade. Este papel, segundo Cavalheiro (2005), é uma “resposta [possível para o] sujeito (...) fazer-se ouvir a partir de uma diferença que precisa do outro para se autorizar como singularidade”. Observa ainda que o relato ficcional, de certa maneira, auxilia na organização da experiência subjetiva, porque “faz-nos olhar a nós mesmos a partir do texto” (CAVALHEIRO, 2005, p. 32).

Por meio desta interseção, podemos inserir, que a literatura pode sim ser uma possibilidade do *eu* se constituir como sujeito, levando em consideração os laços de identificações suscitados no decorrer do texto ficcional. Para Kehl, são justamente essas redes de interlocuções que em muitos momentos dão voz ao sujeito em seus

momentos de desamparo e incompreensão. Essas redes de identificações é que proporcionam troca de experiências e muitas vezes suscitam também mecanismo de defesa do sujeito leitor.

Assim sendo, pode-se dizer que a literatura leva o leitor a identificar-se com as personagens, contribuindo para a formação de sua subjetividade. Cavalheiro (2005) vem confirmar essa assertiva ao reconhecer que “a literatura, qualquer que seja seu gênero, é via de conhecimento, uma vez que contribui para a descoberta e a revelação do ‘eu’ e do mundo, tanto para o autor quanto para seus interlocutores”(CAVALHEIRO, 2005, p. 28).

É nesse contexto que se encaixa a questão do *duplo* por uma via psicanalítica, pois o *duplo* nos remete à ideia de um *outro*, algo ou alguém que está duplicado, e esse *outro*, estranho ou não, é quem poderá proporcionar ao *eu* o reconhecimento de si. Dito de outra forma, é no outro, que, por vezes, é o mesmo, que o eu busca respostas para tentar configurar a sua subjetividade.

Desta forma, por meio do processo de identificação, que neste objeto de estudo nos apropriamos do conceito de *duplo*, podemos afirmar, de acordo com Freud, que o eu para lidar com seus conflitos, acaba encontrando e em muitos momentos projetando no outro (neste caso o texto ficcional, especificamente no eu-lírico) uma espécie de refúgio para a sua própria sobrevivência que se sustenta e se mantém por meio do *duplo*.

Assim, ao propor um livro de poemas cujo eu-lírico, em 2045, encontra-se décadas adiante do autor, em 2001 – “como posso ter morrido antes decidi antecipar a velhice” (CARPINEJAR, 2001, p. 9), depois da morte ficcional de sua esposa, ainda viva no tempo da criação da obra –, Carpinejar promove um sistema de trocas entre o *eu* e o *outro*, sendo ambos o *mesmo*, embora *diferentes*, aliás, *duplos*, projetados por um sujeito que cria possibilidades de ação e reação futuras a partir do que entende como sua situação emocional presente.

*Terceira Sede* estabelece com o leitor laços de identificações (relação fraterna - *fratía*) que de certo modo sente-se impactado pelo drama de um sujeito, ainda que ficcional, no seu momento de desajuste, solidão e desamparo. Desta forma, o leitor, por meio da experiência *intrasubjetiva* da leitura, torna-se escritor de si mesmo, pois

conforme analisado, o *eu* não se constitui por si só, mas necessita do *outro* para firmar-se como sujeito *desejante* de modo a constituir sua subjetividade.

Desta forma, ao fazer psicanálise em extensão, de certa forma atualiza-se a contribuição freudiana ao procurar uma interseção entre literatura e psicanálise. Quando recorremos à literatura é possível demonstrar a importância das formulações psicanalíticas, já que estas possibilitam novas possibilidades de sentido e influencia significativamente na constituição de si.

### Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. CARPINEJAR, Fabrício. **Terceira sede**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. O espaço ficcional e a experiência subjetiva: uma análise enunciativa de A Metamorfose. **Dissertação de Mestrado** em Linguística Aplicada. Orientado por Terezinha Marlene Lopes Teixeira. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.
- \_\_\_\_\_. A alteridade e seus efeitos na constituição da subjetividade: uma análise enunciativa dos protagonistas kafkianos. **Tese de doutorado**, orientada pela Dra. Ana Cristina de Souza Aldrigue. João Pessoa: PROLING, 2009.
- FREITAS, Luiz Alberto. **Freud e Machado: uma interseção entre psicanálise e literatura**. Rio de Janeiro: Maud, 2001.
- FREUD, Sigmund. (1905-06). **Personagens psicóticos no palco**. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, 1969 v. VII
- \_\_\_\_\_.(1914). **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, 1969 v. XIV.
- \_\_\_\_\_.(1915) **Notas psicanalistas de um caso de paranóia**. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, v. XII
- \_\_\_\_\_. (1919). **O estranho**. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, 1969 v. XVII.
- KEHL, Maria Rita. **A constituição do sujeito moderno** *in*

<http://www.scribd.com/doc/19133258/Maria-Rita-Kehl-A-constituicao-literariadosujeito>. Acessado em 09 de junho de 2009.

\_\_\_\_\_. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

LACAN J. (1949) **O estádio do espelho como formador da função do eu** *in*.

[http://www.4shared.com/document/jdjLWCxk/Lacan\\_\\_O\\_estadio\\_do\\_espelho\\_e.htm](http://www.4shared.com/document/jdjLWCxk/Lacan__O_estadio_do_espelho_e.htm)

Acessado em: 10/03/2011

MAURANO, Denise. **Para que serve a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

**Recebido em 20/9/2017. Aceito: 23/11/2017.**

**Sobre autoras e contato:**

Karoline Fernandes Teixeira (UFAM) Formada em Letras pela UEA (Universidade Do Estado do Amazonas) no ano de 2011. Graduada no curso de Psicologia pela UFAM (Universidade Federal do Amazonas). E-mail: karolmcm12@gmail.com.

Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira - Orientadora, possui graduação em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC -RIO 1988), especialista em Psicologia Clínica pelo Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (CRPRJ 2002), mestrado em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUTES/UFRJ 2002) e doutorado em Educação pela Universidade de Sorocaba (UNISO - 2015). Atualmente é membro da Associação Brasileira de Psicologia Social e professor Adjunto I da Universidade Federal do Amazonas na Faculdade de Psicologia (FAPSI/UFAM).